

## **Freud, Ferenczi e o Ocultismo: seu lugar na constituição do saber Psicanalítico.**

**Bartholomeu de Aguiar Vieira –**

*Psicólogo e psicanalista, mestrando pelo Departamento de Psicologia Clínica da USP,  
membro do Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicanálise (PsiA)*

**Resumo:** O Saber instituído pelo discurso científico tradicional apela ao rigor e à atenção ao método positivista para a validação de suas hipóteses. Contudo, é na maior lição de Charcot que este trabalho encontra seu fôlego. Este mestre uma vez disse: “A teoria está muito bem, mas isso não impede que os fatos existam”. Freud obteve nestas palavras o incentivo necessário para abandonar o conforto das boas recepções que alcançou com seus primeiros trabalhos para se dedicar à investigação sobre as causas da histeria. Assim produzindo a Psicanálise. Acatando a inspiração desbravadora deste autor, o trabalho propõe-se a retornar ao diálogo freudo-ferenczianos sobre os ‘fenômenos ocultos’ para refletir sobre a questão da telepatia; presente de forma marginal na produção oficial da psicanálise, mas contribuindo como inspiração tanto à teoria como na compreensão de fenômenos clínicos.

### **Provocação**

Freud pertence a um conjunto de autores judeus que “na sua solidão, tendo perdido a sua fé religiosa e a maior parte dos laços que o ligavam à sua tradição, absorve muito da cultura gentílica que o rodeia (Yovel, 1993).” Tendo em vista este pertencimento particular, apontamos uma abertura revolucionária, possível à autores da estirpe de Freud. Ao construir este aporte pretendemos ressaltar a presença de um clima teórico particular ao pensamento freudiano, ao qual se pode atribuir certa responsabilidade pela criatividade na empreitada psicanalítica.

Pensar o autor enquanto um autor complexo, ou seja, capaz de sustentar tanto a força do iluminismo, como parte dos ideais românticos significa tentar dar conta da dimensão plural que tem sua obra. Dito de outro modo, queremos dizer, que, se por um lado, é fácil observar a presença de uma conceituação das bases da vida psíquica em modelos de sua época, igualmente se tornou óbvia no pensamento do autor à crítica que compreende às limitações deste mesmo modelo.

Freud pertenceria a uma vertente “sombria” do iluminismo. Esta se refere àquela dos pensadores, que desempenharam a função histórica de extermínio de autoimagens complacentes, constituídas sobre pilares ilusórios de Instituições consoladoras (Gay,

1989/1990; Schorske, 1981/1990; Yovel, 1993). Nos trabalhos biográficos sobre o autor é ressaltada a dificuldade de aceitação das propostas da Psicanálise e atribui-se tal resistência à origem de Freud. Sendo um membro da comunidade judaica vienense, seu pensamento acaba adquirindo certa marginalidade nos meios intelectuais. Todavia, seria justamente essa marginalidade a responsável por parte da criatividade do autor<sup>1</sup>. A notória e abrupta ruptura cultural praticada pela Psicanálise chama nossa atenção pelas aberturas criativas possíveis àqueles que tomam vias periféricas no saber científico.

### **A complexidade dentro de Freud**

Freud coteja seus leitores com diferentes posturas ao longo de suas obras e textos. É justamente nesta riqueza, que ele mostra sua complexidade, permitindo diversas matizações conceituais. Mas o que significa ser complexo? Uma visão tradicional sobre o pensamento – como àquela advogada pela filosofia do século XVIII – diria que a contradição é um tipo de erro; assim, a razão seria uma estrutura lógica de pensamento aplicando ao mundo certas categorias pretensamente universais com o objetivo de esgotar a totalidade da realidade. Contudo, o Saber psicanalítico extrapola tal pretensão e, inclusive, serve de argumento para dizer como a tentativa acima mencionada, não é mais que uma tentativa de controle; a racionalização estaria mais próxima de uma empreitada desesperada do que de uma leitura pertinente.

A racionalização objetiva afastar contradições, minimizar ou rejeitar argumentos contrários e exercer uma desatenção seletiva a tudo aquilo que desfavorece um argumento aceito como verdadeiro. Já o pensamento da racionalidade freudiana vai em outra direção. Ela frutifica um estilo de pensamento capaz de abarcar uma série de contribuições provenientes da Mitologia e da Cultura. Queremos ressaltar com isso, que estes elementos não serão tratados como meras invenções feitas com o propósito de enganar as pessoas. Radicalmente diferente, tais elementos configuram uma profundidade da realidade humana que aponta para uma potência constituinte própria.

### **O interesse pelo Ocultismo**

A temática do ocultismo, normalmente indexada dentro do campo do misticismo, foi tratada por Freud, formalmente, com respeito; e em seu círculo íntimo com interesse. Sabemos que Freud possui uma postura facilmente identificável no que tange o papel ocupado pela

---

<sup>1 1</sup> Cf. Schorske, 1988 capítulo IV

ciência na vida dos sujeitos. Para ele, “os frágeis, mas fidedignos progressos da ciência ajudam-nos a levar uma vida desiludida num mundo sem Deus e a aceitar a necessidade humana (*anánke*) com firmeza e sobriedade, ao mesmo tempo que (através do autoconhecimento) tornam possível uma forma de emancipação” (Yovel, 1991). Diante desta postura, observamos a adoção de um paradigma vinculado ao clássico iluminismo. Freud é um adepto da racionalidade e adere ao pensamento que considera os fenômenos relacionados ao ocultismo como uma forma de superstição e ignorância. Negligenciando qualquer possibilidade de contribuição promovida por esse tipo de sensibilidade. Todavia, esta é apenas a postura oficial adotada pelo autor quando assume para si a tarefa de descrever os fenômenos ocultos. Estamos atentos ao curioso fato de ser possível encontrar nas correspondências entre Freud e Ferenczi, seu grande contribuinte, diálogos interessados sobre o assunto da telepatia.

Freud sempre achou o tema da telepatia “intrigante” (1989/1990). Podemos observar uma progressão de sua abertura frente ao tema, demonstrando mesmo, que o autor assume um posicionamento ambivalente a este respeito. Oficialmente temos “apenas” três trabalhos sobre o assunto<sup>2</sup> e neles, notamos como a opinião pública de ceticismo vigora em sua maior parte. Oficialmente, o autor considera o ocultismo uma forma de mentira, remetendo-a ao registro do irracional e buscando combater-la com seu poderoso Deus Logos.

A respeito dos três trabalhos sobre o ocultismo, deve-se destacar que o primeiro (cronologicamente), na verdade nunca foi lançado em vida. Pois os pares de Freud –em especial Jones– levantaram dúvidas quanto aos riscos de descrença do saber psicanalítico caso fosse vinculada ao misticismo que ronda os fenômenos ocultos. É neste embate editorial que fica clara a relação tensa e, no mínimo, ambivalente entre a Psicanálise e a Ciência: Ambivalência no sentido de que Freud nunca escondeu seu desejo de elevar a psicanálise ao status de uma ciência “dura” como a Química e a Física o são. Mas, ao mesmo tempo, o autor não se furta em investigar aquilo que a ciência oficial de sua época relegou a um segundo plano.

Vê-se a opinião de Freud sobre seus colegas neste ponto como um dado importante. Para ele, os membros de seu “comitê secreto” (Grosskurth, 1992) eram incapazes de suspender suas certezas preconcebidas; dizia Freud que seus pares eram “fundamentalmente mecanicistas e materialistas incorrigíveis” (Freud, 1921 [1941] p.191). Ainda a respeito da ambivalência,

---

<sup>2</sup> “*Psicanálise e Telepatia*” Freud, S. (1921[1941]/2006). *Psicanálise e telepatia. Edição Standard das obras Completas de S. Freud, vol. XVIII.*; “*Sonhos e Telepatia*” Freud, S. (1922/2006). *Sonhos e telepatia. Edição Standard das Obras Completas de S. Freud, XVIII.*; e a “*conferência XXX -Sonhos e Ocultismo*” Freud, S. (1933/2006). *Conferência XXX–Sonhos e ocultismo. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, XXII.*

freudiana contida neste trabalho, nota-se nas notas introdutórias de Strachey, que Freud não chegou nem a dar um título ao seu primeiro trabalho de investigação da telepatia. Mais chocante ainda é o fato de que a conferência proferida a respeito deste tema deveria conter três casos, contudo, em um ato assumidamente falho, Freud esqueceu-se de um deles –justamente àquele mais embaraçoso para suas certezas.

A ambivalência no momento da publicação se deve a revelação da familiaridade de Freud com os fenômenos ocultos. Em seu ambiente privado, podem ser facilmente constatadas tanto cartas trocadas com Ferenczi, como experiências telepáticas realizadas com ele e com sua filha Anna (Falzeder, Brabant, & Giampieri, 1994). Além disso, mas ainda neste setor, para o constrangimento de alguns, Freud ainda dizia que Anna possuía clara “sensibilidade telepática” (Gay, 1989/1990).

Diante destes fatos, certamente a teoria ainda vai bem. Porém, podemos perguntar com alguma tranquilidade: Por que Freud perderia seu tempo com bobagens místicas se fosse unicamente guiado pelas luzes de uma Aufklärung (Iluminismo)? Pergunta deixada em aberto, mas que aponta para uma matização de pensamento complexo presente desde cedo na obra do autor. Sabemos então, como nos bastidores, Freud sempre falou sobre o assunto com liberdade; chegando a propor oficialmente o estudo do tema em 1920 e mencionando publicamente (mas com ressalvas) suas opiniões a partir de então.

Logo, a questão relativa a transmissão de pensamento não é assunto desconhecido ou desmentido pelo autor; sua postura final sobre o tópico é de que a comunicação entre duas mentes pode ser realizada sem que haja um meio físico como o da fala, em seu lugar, entrando não o vácuo, mas sim o Inconsciente. Esta afirmação feita apenas no final de sua vida –na conferência XXX –é relevante na medida em que comprova que a opinião do autor na época dos escritos técnicos (Sigmund Freud, 1912/2006), a respeito da comunicação entre inconscientes, não mudou, mas também marca que apesar da abertura simpática a experimentação, Freud se esforça por manter uma postura neutra, quando escreve sobre o assunto (Freud, 1933/2006).

### **As especulações de Ferenczi**

O texto “*Espiritualismo*” (1899/1994) é a inauguração de Ferenczi dentro do campo da Psicologia. Trata-se de um ensaio de denúncia do desinteresse da ciência tradicional de sua época pelos fenômenos investigados pelos rituais ocultistas. Neste trabalho, o autor aposta que a pesquisa psicológica levaria aos mesmos fins que as investigações alquímicas; assim como o

empenho dos alquimistas acarretou na descoberta de novos elementos químicos, uma pesquisa em psicologia compromissada com o rigor e a seriedade investigativa, produziria o correlato alquímico do ouro para as ciências humanas.

Apesar das ideias ferenczianas sobre um funcionamento telepático da mente não terem constituído teorias, elas podem ser relacionadas aos seus desdobramentos dentro da Psicanálise (Gyimesi, 2012). Ao abordar o ocultismo, Ferenczi pôde potencializar uma dimensão da transferência encontrada nos princípios do freudismo (Freud, 1890 [1905]/2006; 1896/2006). Extrapolando o papel de um contribuinte, observamos que seus trabalhos posteriores<sup>3</sup> transgridem os limites da teoria clássica, justamente porque levam em consideração a proposta de desenvolver uma reflexão mais permeável da psique humana.

Logo, é no interesse do autor pelas manifestações das crenças místicas que observamos a frutificação de suas inspirações. Demonstrando sua potência enquanto psicanalista, que através de sua sensibilidade à permeabilidade da psique humana ampliou os limites da técnica em direção a uma prática mais emocional, simétrica e intuitiva.

Observamos como Ferenczi conversa com as ideias de sua época, supondo que os fenômenos espíritas se baseiam na cisão das funções psicológicas ou em automatismo mental (Janet, 1930). Consequentemente, tais manifestações se refeririam a um funcionamento oculto da mente, apresentando material científico extremamente importante. Nesta medida, Ferenczi se apresenta como um pesquisador austero dos fenômenos ocultos e não como um místico: aberto a aceitar uma hipótese da realidade não-materialista, buscando interpretá-las com conceitos psicológicos.

Inclusive, nas cartas trocadas com Freud (Falzeder et al., 1994) existe um profícuo diálogo sobre este tema. Vemos Ferenczi tentar convencer Freud a respeito da realidade da telepatia, assim como o incentivo freudiano para que o húngaro continuasse suas investigações, até o momento em que Freud se vê convencido da realidade deste fenômeno: “Suas - cuidadosamente preservadas - observações sobre o seu masoquista me parecem enfim como provas para quebrar as dúvidas sobre a existência de transferência de pensamento (idem).”

Apesar das ressalvas Freud acaba por ver no tema da telepatia uma fonte de pesquisa útil à causa da Psicanálise. Desta empreitada produziu-se um desligamento do cunho sobre-humano do fenômeno considerando-o como mais um problema psicológico ou físico. Também

---

<sup>3</sup> Cf. Ferenczi (1909/2011, 1912b/2011, 1913b/2011).

é curioso notar como um ano depois desta correspondência, o autor faz sua famosa metáfora do telefone para explicar a possibilidade de comunicação entre inconscientes, incorporando as investigações telepáticas à teoria da técnica<sup>4</sup>.

### **A contribuição da telepatia à teoria ferencziana: alguns pontos**

Vemos na inspiração temática da telepatia reflexos teóricos importantes. Ferenczi considera o processo inicial de constituição humana como uma fase monística da vida (Ferenczi, 1909/2011). Seria possível, apenas em um momento posterior do desenvolvimento, não atribuímos todos os eventos do mundo como partes de si. Assim, introjeção e projeção são mecanismos constituintes da vida e não estão apenas presentes em paranoicos ou nos bebês; de certa forma, todo ser humano é constituído a partir destes processos, criadores da subjetividade interna e da objetividade da realidade externa.

Ontogeneticamente, Ferenczi (1913b/2011) compreende o desenvolvimento do sentido de realidade como uma interconexão entre interno e externo. Sendo o desdobramento de suas ideias sobre a introjeção, este pensamento descreve como o psiquismo infantil origina a realidade exterior ao mesmo tempo em que a realidade externa constitui o psiquismo infantil. Tal leitura salienta a fluidez entre Eu e não-eu, no qual diferenças e fronteiras se perdem<sup>5</sup>. Ressaltamos aqui como estas contribuições se beneficiaram das experimentações com a possível transmissão de ideias, encontrando em seus últimos trabalhos (Ferenczi, 1928a/2011, 1932 [1988], 1933/2011) as formulações para uma técnica cujo fundamento é a necessidade de um trabalho essencialmente empático, fundando a atitude que constituiu uma matriz intersubjetiva para a Psicanálise.

Procurando definir o que é a telepatia em suas cartas a Freud, encontramos a explicação do fenômeno da seguinte forma: o receptor reage inconscientemente a transferência de pensamento, ativando os seus complexos inconscientes que estão mais perto dos complexos inconscientes do remetente. Assim, o somatório de complexos pessoais (entre analista e paciente) e a tendência da introjeção/projeção cria os fenômenos de transferência de pensamentos. Esta ideia recebe novas contribuições mais de vinte anos depois, no diário clínico, momento em que o autor aponta a presença de uma força de cura não-verbal da libido, baseada

---

<sup>4</sup> Tal metáfora ressurge ainda em 1933 na conferência XXX, demonstrando como as contribuições adquiridas das pesquisas sobre o oculto atravessam todos os períodos da obra.

<sup>5</sup> Neste texto existe uma referência explícita a inspiração das investigações telepáticas na nota de rodapé 18 (p.56) a qual, recomendamos a leitura.

na interligação misteriosa entre o inconsciente do “analista-analisado” e o do analisando (Ferenczi, 1932 [1988]).

Na teoria contida nesta passagem, Ferenczi defende ser possível *reagir* ou *ressoar* diante de complexos inconscientes de outrem. Assim como todos os sentimentos e pensamentos, de uma forma inconsciente, permanecem no campo dos processos primários. Logo, na opinião de Ferenczi, transferência e contratransferência são fenômenos produzidos a partir dos processos constitutivos de introjeção e projeção; neles, os conteúdos interiores e exteriores do psiquismo poderiam ser *transmitidos* e *confundidos*. Tal perspectiva estaria sustentada na sensibilidade particular que é constituída nas situações transferenciais. Por mais que a experiência clínica comprove com certa facilidade a permeabilidade dos psiquismos em situação analítica, é importante ressaltar como a proposta de base para estas afirmativas, estava contida na hipótese, muito mais radical, da afirmação da certeza ferencziana frente a transmissão de ideias.

## Conclusão

Para Ferenczi, observamos como os desenvolvimentos introdutórios no campo do misticismo continuaram a gerar reflexos por toda a sua obra. Contribuindo com folego e inspiração em suas construções teóricas fundamentais e se relacionando intimamente com sua visão a respeito das direções do tratamento. Ressaltamos ainda ao longo deste trabalho a presença do apoio da telepatia em suas noções-chaves.

Esperamos ter demonstrando com essas afirmações que parte das ideias de Ferenczi sobre a interpretação do fenômeno telepático se fundamentam em termos puramente psicanalíticos, se aproximando de um tipo de compreensão na qual os limites entre os psiquismos se tornaram flexíveis e indefinidos. Na leitura deste autor é possível ver como o interesse pela telepatia cruzou o campo da psicanálise promovendo aberturas na exploração dos fenômenos ocultos da mente, das capacidades desconhecidas e inconscientes do “campo do anímico<sup>6</sup>”, tendo servido ao duplo propósito de desmistificar a ilusória significação sobrenatural da telepatia, como, também, aprimorar a teoria psicanalítica do inconsciente.

## Bibliografia

- Falzeder, E., Brabant, E., & Giampieri, P. (1994). Sigmund Freud & Sandor Ferenczi: correspondência (1908-1911)(C. Cavalcanti & SK Lages, Trads.): Rio de Janeiro: Imago.
- Ferenczi, S. (1899/1994). *Le spiritisme*: Epel.
- \_\_\_\_\_, S. (1909/2011). *Transferência e introjeção*. São Paulo: Martins Fontes.

---

<sup>6</sup> Cf. Freud, S. (1890 [1905]/2006). Tratamento psíquico (ou anímico). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, VII.

- \_\_\_\_\_, S. (1912b/2011). *O conceito de introjeção* (Vol. Vol. I). São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_, S. (1913b/2011). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. *Psicanálise II*, 39-53.
- \_\_\_\_\_, S. (1928a/2011). Elasticidade da técnica psicanalítica, *Obras Completas* (Vol. Vol IV). São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_, S. (1932 [1988]). Diário clínico. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_, S. (1933/2011). *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Vol. Vol. IV). São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1890 [1905]/2006). Tratamento psíquico (ou anímico). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, VII.
- \_\_\_\_\_, S. (1896/2006). Carta 52 [extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899])] (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_, S. (1912/2006). *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise*. (Vol. Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_, S. (1921[1941]/2006). Psicanálise e telepatia. *Edição Standard das obras Completas de S. Freud*, vol, XVIII.
- \_\_\_\_\_, S. (1922/2006). Sonhos e telepatia. *Edição Standard das Obras Completas de S. Freud*, XVIII.
- \_\_\_\_\_, S. (1933/2006). Conferência XXX–Sonhos e ocultismo. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, XXII.
- Gay, P. (1989/1990). Freud: uma vida para nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gyimesi, J. (2012). Sandor Ferenczi and the problem of telepathy. *History of the Human Sciences*, 25(2), 131-148.
- Grosskurth, P. (1992). *O Círculo Secreto: O Círculo Íntimo de Freud e a Política da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Schorske, C. E. (1981/1990). *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo; Campinas: Companhia das Letras.
- Yovel, Y. (1993). *Espinosa e outros hereges*. Portugal: Imprensa Nacional- Casa da Moeda.